

Introdução à Bioética

Celso Samir Guielcer da For¹

RESUMO

Realizaremos uma introdução à bioética. Faremos uma reflexão em dois eixos, um mais teórico, buscando conceitos e ideias; outro mais prático, evidenciando problemas de enfrentamento da bioética buscando refundar a humanidade nos processos técnicos. Assim, discutiremos o tema através de um pequeno percurso, partindo de referenciais teóricos e expondo problemas. Por fim, ofereceremos uma possibilidade de mudança, o princípio do cuidado, o que resgataria a condição humana dentre esses mesmos procedimentos técnicos.

Palavras-chave: Ética. Moral. Cuidado. Bioética. Técnica. Política.

Introduction to Bioethics

ABSTRACT

We will make an introduction to bioethics. We will perform a reflection in two axes: one more theoretical looking for concepts and ideas; another more practical, evidencing problems of coping with bioethics seeking to refund the humanity in the technical processes. Thus, we will discuss the theme from a short course, departing from the theoretical references and exposing problems. Finally, we want to offer a possibility of change, the principle of care, which would rescue the human condition among these same technical procedures.

Keywords: Ethics. Moral. Care. Bioethics. Technique. Politics.

1 UMA INTRODUÇÃO ÀS NOÇÕES FUNDAMENTAIS DE ÉTICA E DA BIOÉTICA

A ética tem uma raiz histórica que revela seu sentido mais original, que é uma reflexão radical da vivência, da ação humana. É claro que esta experiência que a filosofia mostra é o comportamento humano regado em determinadas situações práticas; com isso, ética se torna uma reflexão sobre a experiência da realidade prática.

Essa realidade prática, a qual foi descrita pelos primeiros teóricos, se chamava de *ethos*. Este teria a forma de uma atmosfera que cercava os comportamentos das pessoas em suas ações. Modernamente chamamos isso de comportamento moral.

¹ Formado em Filosofia (Faculdade Imaculada Conceição/RS), com habilitação em História e Sociologia. Pós-graduado em Informática Aplicada à Educação. Mestre em Educação pela UCS - Universidade de Caxias do Sul/RS. Psicanalista em formação pela Escola de Psicanálise Tripé/SP. Professor da UniFtec em Caxias do Sul/RS. E-mail: socratesfor@yahoo.com.br.

Assim, temos os elementos mais fundamentais das ações humanas representados, por exemplo, pela consciência moral, a falta de moralidade e sua ausência. No entanto, historicamente falando, este *ethos* tem diferentes compreensões. Isso por que, segundo a visão dos gregos, este comportamento moral é sempre objetivo².

Isso significa que, para o universo da cultura grega, esta objetividade é uma característica imanente ao objeto, é independente do sujeito. Isso faz da moral uma forma espiritual sem a participação, criação ou modelagem de sujeitos éticos. Com isso, ser um agente ético possui certa forma de acesso, sem que o sujeito seja ator e construtor dessa forma de entender sua função dentro do corpo moral. Assim podemos perceber que, para os gregos, ser ético significa agir de forma correta, mas mais relacionada ao conhecimento ou à falta dele.

Além disso, o berço da ética e da moral conserva outra característica, a ideia de que cada agente tem uma essência capaz de diferenciá-lo do restante da população; essas essências são as virtudes, as quais estariam ligadas a uma alma³. E é com base nessas virtudes que ele pode guiar-se eticamente em sua trajetória - uma espécie de marca para sua ação. Dessa forma, não se abria espaço para qualquer tipo de engano.

Assim, aprender a ser ético é uma atividade constante, na qual “devo” me preocupar com o exercício de minhas virtudes. Quando estas me são conhecidas para a ordem virtuosa das ações, não resta mais nada além do fazer com que ela, a ordem virtuosa, se torne prática.

Saindo da Grécia antiga e indo em direção a Europa medieval, temos a elaboração de um princípio novo sobre nossas ações. Duas grandes vertentes éticas / morais vão guiar os passos humanos dessa época. Uma liberdade exagerada com o epicurismo ou o determinismo exagerado com a doutrina de Demócrito.

É claro que o resultado nós sabemos – a Europa aceita o determinismo de Demócrito com o intuito de tornar a Igreja a instituição mais forte desse tempo. Há aceitação das adversidades como castigo de Deus. A pobreza e a doença são encaradas

² Objetivo, ou seja, ele sempre vai estar relacionado a um certo padrão de ações e comportamentos. E entre outras coisas neste mundo, não há espaço para a escolha. Assim, o mundo grego antigo, especialmente, revela um alto grau de objetividade, até por que esta noção de subjetividade e de uma liberdade ligada a subjetividade são noções bastante modernas.

³ Mesmo sem uma noção de subjetividade, a alma era responsável por estes elementos. Contudo ela sempre foi mais ligada a uma noção de antropologia. Como dizia o professor Lima Vaz, em seu texto sobre antropologia filosófica: “A Alma, segundo Sócrates, é a sede de uma areté que permite medir o homem segundo a dimensão interior na qual reside a verdadeira grandeza humana. É na “alma”, em suma, que tem lugar a opção profunda que orienta a vida humana segundo o justo e o injusto, e é ela, portanto, que constitui a verdadeira essência do homem, sede de sua verdadeira areté.” (VAZ, 2000, p. 34).

como resultado imediato da produção de um pecado. Com isto, entendemos a ética religiosa da época. Uma ética de aceitação e de obediência, de humilhação e de castigo. Uma ética sombria que era regida pelo princípio religioso e não para o ser humano.

Já na parte moderna, eis o que mais transformou a noção que temos de ética. A invenção da subjetividade é o marco inicial desse novo elemento ético, quando Descartes determina a existência de um novo modelo de ser humano. Quer dizer, ele descreve a existência de um aspecto fundamental para nosso ser, que é nossa “essência interior”. E demonstra que nela reside a capacidade humana de pensar⁴.

Mesmo assim, Descartes, coloca a função de regular as ações no bom senso. Este significa, em outras palavras, aquela noção bastante simplória de sabermos, pela vida cotidiana, o que é certo e o que é errado. Ainda haveria outros que discutiram a liberdade e, portanto, se a ação humana pode ser livre. E outros que vincularam a ação humana livre a questões políticas, como a ter um governante, ou a ter um estado.

Ainda houve aqueles que tentaram mostrar que a ação humana tem um sentido dentro da história. E que somente a história e o ser humano podem se integrar colocando sentido e elaborando uma forma de agir em sociedade. Isto também com a natureza.

Contudo, podemos ainda falar de uma posição mais coerente que firma a capacidade do ser humano, em uma razão que fundamenta o costume moral de cada indivíduo. E com isto surge uma forma humana de interagir com a realidade que se chama ética. Com isto não vamos defender a ideia de uma vontade baseada na razão, mas alguns autores defendem que isto acontece. Nossa ação, a partir de agora, vai ser fundamentada em uma estrutura de uma razão que busca esclarecer o significado prático das ações.

E, contemporaneamente falando, uma das formulações práticas que modelam nossas ações está baseada na linguagem. E essa linguagem descreve como acontece a compreensão da lei e o desenvolvimento prático desta pela manutenção e descrição da regra. Com essa forma de ética, temos a manutenção dos acontecimentos em um contexto de interpretação, que busca descrever como os costumes morais são estabelecidos.

⁴ “Aqui o espírito como *res cogitans* separa-se do corpo como *res extensa*, não para elevar-se à contemplação do mundo das ideias (como no Fédon platônico), mas para melhor conhecer e dominar o mundo conforme o programa da Vª e VIª partes do *Discours de la Methode*. (VAZ, 2000, p. 82). Vemos a iniciativa de demonstrar como acontece esta capacidade de pensar o que nos cerca.

Dessa forma, o usual é uma ética fundamentada na ação da razão e estruturada na capacidade organizada linguisticamente, que descreve as regras e o funcionamento do corpo moral das comunidades e das instituições: surge aí um modelo de ética que busca valorizar a forma de contextualizar os grupos sociais.

Assim os grupos de discussão ética são apenas organizadores do comportamento e do funcionamento moral das comunidades comunicativas. Isso construiria elementos funcionais e organizativos dos processos de ação moral; e ainda, dando destaque ao elemento que pode ser significativo para nossas leis, vistas como organizadoras e modeladoras do fundamento moral e normativo das ações humanas.

2 UMA VIDA CORRETA EM UM TEMPO PÓS-METAFÍSICOS

Elaborar um conceito contemporâneo sobre ética, sendo este diretamente relacionado ao mundo prático, torna-se uma tarefa difícil. Assim nós vamos estruturar uma definição aproximada sobre o significado desta ciência: a ética se constrói a partir dos elementos de justiça, igualdade, vida boa e de liberdade.

Para isso, nos amparamos na definição do professor Valls:

1) levar em conta finalidades últimas, e não apenas refletir de maneira imediata sobre os meios e os objetos de curtíssimo prazo; 2) voltar a recorrer a reflexão, buscando certa prudência, que já foi definida, como regra de agir. (VALLS, 2004, p. 52).

Assim podemos ver que a definição ética torna a ética um elemento de prudência, porque prescreve uma ação em que a reflexão acontece anteriormente ao fato, na prática das ações. Em um contexto, prático das ações humanas, a prudência se torna necessidade para a verificação das ações e suas consequências.

Outro elemento importante está na racionalidade que leva em conta as consequências sobre os atos praticados. Assim, para um conceito mais apropriado de ética, é necessário refletir sobre o problema das consequências que cada ato humano realiza⁵, sendo as expressões realizadas desses costumes nas leis, as quais representam o funcionamento racional das ações seguras.

E quando pensamos em ética prática temos como resultado mais imediato a bioética. Ela é reflexão das repercussões sociais de problemas científicos / técnicos,

⁵ Acreditamos que não se trata apenas de uma visão “consequencialista”, mas da construção de um conjunto procedimental de prudências relativamente ao problema de enfrentar questões técnicas em um mundo humano.

práticos e morais, a decisão sobre determinados problemas e situações, conforme se fundamentam ou sobre princípios determinados.

A reflexão ética tem como fundamento a tentativa de realizar uma padronização do bem a todos. Tanto que em qualquer situação, especialmente na relação médico-paciente, ainda existem normas que norteiam estas mesmas relações como, por exemplo: a) autonomia, b) beneficência e c) justiça.

E para isso temos como reflexão inicial a ideia de vida correta. Sempre, até quando educamos nossos filhos, primamos pelo correto moralmente. No entanto, vivemos em um tempo cuja referência pré-estabelecida já não existe mais. Por isso colocamos no título o “pós-metafísico”. Trata-se de um mundo de fragilidades e completamente sem referências. Ele até pode ser interessante e ter boas perspectivas como um melhor conhecimento de si, contudo a grande dificuldade está em trazer de volta este conjunto mínimo de regras e ações que poderiam dar a base para a boa vida e convivência pacífica.

Essa possibilidade, a qual nos era disposta por uma série de dispositivos, entre eles a religião, agora não os encontramos com tamanha segurança e certeza, como nos eram oferecidos 40 ou 50 anos atrás. A certeza se esvaiu com o tempo e com o espaço que ocupamos hoje. A rigidez dos elementos postos pela nossa cultura dentro deste tempo determinou quem somos, de forma a não permitir a pergunta sobre o que poderia ser diferente.

A vida ética não era apenas um fato, mas uma necessidade de realização humana. Esta mudança proporcionou a pergunta sobre o que fizemos com nossa vida. Em outras palavras, seria o ato de se perguntar: qual sentido existe em nossa vida? E com isso abre-se a perspectiva da construção de sentido, quando podemos ser quem somos, conforme afirma Nietzsche. Desse ponto de vista, a discussão deixa de ser sobre o que é certo, mas sim sobre o que nos deixa mais autênticos⁶, mais humanos.

Em outras palavras, o que nos faz humanos. Sim, nossa humanidade é ponto fundamental para que possamos dizer quem somos e como somos. Ainda assim nos perdemos, em diferentes instâncias de realização, e nos esquecemos de nossa essencialidade por assim dizer. Humanos desumanizados, mas por quê? Podemos apontar algumas direções para isso.

⁶ Sobre fundamentos de um mundo pós-metafísico, encontrarmos Heidegger. Sua ideia de autenticidade do humano nos leva a noção de construção, e ainda à crítica de Nietzsche, quando reflete sobre esta valoração individual diante de valores perdidos pela sociedade em que se vive.

A primeira direção está na apropriação de si. Ter autenticidade ou apropriar-se indica um resgate de nossas identidades mais fundamentais. Contudo, precisamos marcar a necessidade de percebermos as questões sociais, em que uma reflexão, simplesmente, sobre saúde não é simples, ou seja, ela não caminha por um caminho único. E quando entendemos isso, nos deparamos com instrumentos jurídicos e sociais que nos fazem pensar em como somos e de que maneira agimos diante desta realidade. Assim, por exemplo, quando pensamos no caso de uma inseminação artificial, nos deparamos com um problema que se converte em uma necessidade: precisamos saber se este ser, que está sendo gerado terá condições totais para sobreviver; ou ainda: Que tipos de condições de saúde ele terá?

Então, como diz Habermas (2004), sobre o futuro da natureza humana, temos que nos perguntar: que tipo de debate é esse? Ele é político, técnico e ou é ético? Ou os três, assim sendo bioético? E então, é preciso alargar mais a questão: se podemos viver bem, ou ainda temos o direito a uma vida boa, não teríamos de dar a resposta sobre a pergunta das condições de saúde para os seres a serem gestados? Ou ainda, para todos os que estão em uma sociedade?

Assim cruzamos o conceito de ética com o de técnica. E colocamos a técnica a serviço da vida boa. E partimos para um campo de questões éticas sobre os usos da técnica, como a farmácia, por exemplo, para assegurar esta vida boa. E, se há a necessidade de colocarmos a pergunta sobre a saúde de alguns, por que não de todos?

Depois disso, então, encontramos o entrecruzamento com a política. E por que é importante falar sobre isso? Porque é aqui que se encontra o reino da liberdade. Quando começamos a poder decidir sobre o nosso corpo e disponibilizar este mesmo corpo, de nossa natureza para a discussão técnica, regressamos então ao campo das liberdades. É aquilo que Kant chama de “reino das necessidades”, que se torna campo de discussão e decisão, passando a integrar o campo das decisões e não somente em um simples acaso.

Parece que a grande questão então é sair deste simples acaso e perceber o quanto a questão desta liberdade envolve. É um garantir, em pleno século de desenvolvimento das ciências, esta saúde ou o diagnóstico para uma boa vida deste paciente, e para qualquer cidadão.

Nessa perspectiva, aparecem grande implicações ao problema central mencionado e seus desdobramentos. Como por exemplo, podemos falar de uma seleção artificial sobre corpo e todo material genético. Com isso, este modelo abre espaço para podermos questionar os critérios estabelecidos desta mesma seleção; porém o que

parece não estar claro é o próprio problema. Não cabe questionar a técnica, nem a política isoladamente, mas em um contexto sua aplicação e consequências. Dessa forma, o problema registra-se na ideia de construção de uma dignidade.

Esta é intangível, e principalmente não pode ser mensurada, no entanto pode ser atribuída. Dignidade para o corpo, para a pessoa ou para o outro está inscrito na combinação de fatores, mas principalmente existe por minha causa e por causa da existência do outro. Atribuir, construir é nesta relação que encontramos a possibilidade de dignidade.

3 A INTERROGAÇÃO POR PRINCÍPIOS DE BIOÉTICA

A primeira das perguntas a ser abordada é com relação ao cuidado. O que significa? Na etimologia da palavra encontramos o cuidado como “*epimeleia*”, no grego, indica um cuidado ou uma maior preocupação. Indica, por exemplo, o trabalho de uma dona de casa ao cuidar da casa. E o cuidado dos reis com seus súditos. Há, inclusive a aplicação do conceito a si mesmo, pois há um labor implícito neste processo que necessita de aprimoramento constante que, no dialeto pedagógico, poderíamos chamar de formação.

E o cuidado, *epimeleia heautou*, remonta a uma tradição antiga que os romanos também evocam, mas em latim passa a ser *cura sui*. Em um antigo mito que remonta às tradições romanas politeístas, o cuidado, a Cura, teria pegado um pedaço de terra úmida (barro) e construído daí um ser humano. Então a cura pediu a Júpiter para dar-lhe espírito. Assim, para dar o nome a esta criatura que teria sido criada, em que Cura e Júpiter estavam em disputa, Saturno intervém como árbitro. Assim este diz que Júpiter deveria receber este ser depois de morte e com isso retomar o espírito. A terra, por ter dado o corpo receberá seu corpo de volta. Contudo, como foi a Cura que primeiro o formou, o receberá durante sua vida.

No entanto, poderíamos nos perguntar: mas ele recebe o nome homem, *húmus*. Foi Saturno, o tempo, que revelou como seremos durante o percurso de nossa atividade no mundo: em outras palavras, durante o percurso de nossa vida, temos uma compreensão do que significa o enraizamento no mundo, quando nos distendemos para fora em direção ao infinito. Esta dimensão de finitude e infinitude duela dentro de nós, como uma luta constante entre quem somos e quem seremos.

Nada mais claro que a representação do corpo como um exemplo de finitude, e esta representação demonstra nossa direção na história de nossa vida que é a morte.

Assim como o exemplo de infinitude, que é nossa capacidade criativa, nossa imaginação, nosso amor e, para aqueles que acreditam, nossa alma – e este cuidado se estende como condição de existência. A pre-ocupação com nosso ser nos diferencia dos animais como seres preocupados com a existência.

O cuidado nos dá uma dinâmica mais aprofundada de nossa responsabilidade. E nos faz deparar com alguns obstáculos para o pleno exercício do cuidado e de nós mesmos. O antropocentrismo é um deles e nos impede de vermos o verdadeiro cunho de responsabilidade diante do outro. Esta postura vem fechando nosso olhar e pensamento sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo que nos cerca. E foi exatamente esse problema que gerou um isolamento – e não somos os únicos seres vivos sobre a Terra –, e um vazio.

Um segundo obstáculo é o sociocentrismo. Esta postura nos faz ver a sociedade isolada do restante, da natureza em geral e dos outros seres vivos. Em certo sentido, é uma quebra na articulação entre o contrato social e o contrato natural. E esta quebra reflete o conflito entre o ser humano em suas dimensões natural e finita e cultura e infinita.

Nesse sentido dos choques entre as dimensões, voltemos ao problema da saúde. Por isso a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) diz que saúde “É um estado de bem-estar total, corporal, espiritual e social e não apenas a inexistência de doença ou fraqueza.”

Na própria definição da OMS, encontramos as dimensões que recobrem a dinâmica do ser humano. A natural, em que o ser humano precisa alargar as fronteiras da natureza e entrar no ponto infinito de suas dimensões. Então “A vida nada mais é do que o fantástico, criativo e produtivo processo de morrer.” (ARRUDA; GONÇALVES, 1998, p.85). E essa discussão retoma o mesmo problema acima levantado sobre a boa vida. A saúde para todos. E assim se mostra que as questões bioéticas se fazem cada vez mais necessárias.

Acenamos para outro elemento bioético: a morte. Percebemos que a morte não se aproxima como alguém que nos rouba enquanto dormimos ou nos distraímos. A morte vem de dentro. Amamos a vida, por ser ela mortal. Assim, parece que tudo se reduz à forma, ou à maneira como articulamos nossa realidade; por isso, pensar em como entendemos a morte é muito finalista, determinista e até pessimista.

A ideia é ver a morte como parte da vida, pois a morte tem que ser encarada como processo da vida, como processo da saúde e da integralidade dos sujeitos. Assim a morte é parte de nossa preocupação bioética.

4 ENTÃO O QUE FICA?

Nessa articulação, passamos pelo mundo da ética e seus elementos fundantes. Depois uma reflexão sobre os princípios e bifurcações em que, modernamente, a ética se contextualiza. E, por fim, um dos princípios que mais têm contribuído sobre a reflexão do ambiente da ética / bioética atual. Quando tomamos a bioética como problema, damos-nos conta de que ela tinha nascido como uma aplicação da reflexão ética antiga. Então, faz sentido retomar o problema central da ética antiga e moderna. Esse problema seria: como agir bem, tendo uma boa vida e com liberdade?

Em um segundo momento, encontramos entrecruzamento da bioética com a técnica, política e a economia. Aqui vemos onde realmente nasce a bioética e como a pergunta pela saúde de todos tem uma resposta difícil de ser dada., já que, em contextos econômicos, a vida humana fica em segundo plano e qualquer pergunta pela saúde é apenas uma pergunta que se perde em um emaranhado de cruzamentos – e aí fica difícil ter uma resposta...

Por fim, falamos de alguns princípios, mais especificamente do cuidado, este como integrador das dinâmicas humanas e capaz de dar liberdade às pessoas, a qual pode dar um pouco de esperança ao problema propriamente da vida e da morte que todos nós enfrentamos, mas em especial os profissionais da saúde, todos os dias. Assim bioética é mais que uma ciência: é um ato constante de reflexão sobre a vida humana, seu valor e sentido.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. N.; GONÇALVES, L. T. **A enfermagem e a arte de cuidar** Florianópolis: FSC, 1998.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade.** Petrópolis, RJ: Vozes 2012.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano e paixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes 2012.

CLOTET, Joaquim. **Bioética: uma aproximação.** 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

DWORKIN, Ronald. **Domínio da Vida: Aborto, eutanásia e liberdades individuais.** trad.: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Vol. 3. Trad.: Maria T. da costa Albuquerque. 9 ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 2007.

HABERMAS, Jurgem. **O Futuro da humanidade: a caminho de uma eugenia liberal**. Trad.: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Vol. I. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante Shuback. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Vol. II. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante Shuback. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VALLS, Álvaro L. M. **Da ética à bioética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VAZ, Henrique C. Lima. **Antropologia Filosófica**. Vol. I. 5 edº, Loyola: São Paulo, 2000.